

ANÁLISE MUSICAL DE UMA ESTRATÉGIA DE CUIDADO GRUPAL: FUNÇÕES TERAPÊUTICAS DA MÚSICA PARA SISTEMAS FAMILIARES DURANTE QUIMIOTERAPIA

Leila Brito Bergold¹²

Roseane Vargas Rohr¹³

Neide Aparecida Titonelli Alvim¹⁴

RESUMO

Estudo extraído de tese de doutorado que investigou a implementação dos Encontros Musicais, estratégia grupal de cuidado que estimula a expressão musical e diálogos entre clientes em tratamento de quimioterapia e seus familiares. Este recorte tem por objetivo analisar a função da música no desenvolvimento dos encontros, a partir dos sentidos atribuídos pelos participantes. A análise musical foi baseada nos níveis das experiências musicais e nos espaços de identificação, desenvolvidos por Even Ruud. A pesquisa qualitativa foi desenvolvida segundo a metodologia da Pesquisa Convergente-Assistencial. Os participantes foram 27 pacientes adultos em tratamento de quimioterapia em um hospital na cidade do Rio de Janeiro e seus familiares. As músicas escolhidas pelos participantes estiveram vinculadas aos níveis sintático, semântico e pragmático. Os espaços de identificação dos sujeitos, de maior relevância, foram o pessoal e o transpessoal, pois contribuíram para o desenvolvimento de rede de apoio.

PALAVRAS-CHAVE: Musicoterapia; Enfermagem; Relações Familiares; Quimioterapia.

ABSTRACT:

This study was extracted from a PhD thesis which investigated the implementation of Musical Encounters, which is a group strategy of care that encourages musical expression and dialogues between clients undergoing chemotherapy treatment and their families. Taking the participants' feelings and feedbacks as starting point, this study aims to analyze the role of music during the development of the encounters. The musical analysis was based on levels of musical experiences and spaces of identification developed by Even Ruud. The qualitative research was conducted according to the Assistential-Convergent Research methodology. The participants were 27 adults undergoing chemotherapy treatment at a hospital in the city of Rio

¹² Doutora em Enfermagem. Professora Adjunta da Universidade Federal do Rio de Janeiro – Campus Macaé. Musicoterapeuta aposentada do Hospital Central do Exército. Membro do Núcleo de Pesquisa de Fundamentos do Cuidado de Enfermagem/EEAN/UFRJ. E-mail: leilabergold@gmail.com

¹³ Doutoranda em Enfermagem pela Escola de Enfermagem Anna Nery/UFRJ. Musicoterapeuta em formação pelo CBM-CEU. Professora assistente da Universidade Federal do Espírito Santo. E-mail: rosevargas@ibest.com.br

¹⁴ Doutora em Enfermagem. Professor Associado II, do Departamento de Enfermagem Fundamental e Docente Permanente do Programa de Pós-Graduação da EEAN/UFRJ. Membro do Núcleo de Pesquisa de Fundamentos do Cuidado de Enfermagem/EEAN/UFRJ. E-mail: titonelli@globo.com

de Janeiro and their families. The songs chose by the participants were connected to syntactic, semantic and pragmatic levels. The spaces of subject's identification, considered of greater relevance, were the personal and the transpersonal because of the contribution of these spaces to the development of a support network.

KEYWORDS: Music Therapy; Nursing; Family Relations; Chemotherapy.

INTRODUÇÃO

Este artigo foi extraído e ampliado de tese de doutorado que implantou e avaliou uma estratégia grupal voltada para a promoção do cuidado expressivo junto a clientes e familiares durante a quimioterapia, denominada Encontros Musicais (EM). Essa estratégia estimula a expressão musical, as narrativas e os diálogos entre os participantes, visando reduzir o estresse decorrente da (con)vivência com o câncer e com o tratamento de quimioterapia. Ressalta-se que ambas as experiências trazem alterações no cotidiano de vida dessas pessoas acarretando angústia que pode interferir no tratamento e/ou na evolução da doença (BERGOLD, 2009). Nesse sentido, buscou-se uma estratégia grupal que oportunizasse assistir tanto aos clientes em tratamento quimioterápico quanto a seus familiares, tendo em conta que a quimioterapia acarreta uma série de transformações que amplia a angústia de ambos (SOUZA; ESPÍRITO SANTO, 2008; BERVIAN; GIRARDON-PERLINI, 2006).

As interfaces entre a musicoterapia e a enfermagem, acerca do uso terapêutico da música, são evidenciadas a partir de alguns estudos realizados por enfermeiros nas últimas décadas, que, mesmo poucos, produziram conhecimentos que podem inspirar novas práticas (BERGOLD, 2005). A necessidade de novas formas de atuação para atender ao atual contexto da saúde, que evitam o reducionismo do enfoque biomédico, aponta a importância da transdisciplinaridade e do paradigma da complexidade, pois este não pretende alcançar o princípio unitário dos conhecimentos, que seria uma nova redução que apagaria a diversidade, mas pensar em uma lógica que, ao mesmo tempo separa e associa, sem reduzi-los a unidades elementares (MORIN, 1999).

Nesse enfoque, os EM foram desenvolvidos sob uma ótica transdisciplinar que buscou aproximar os conhecimentos do campo da enfermagem e da musicoterapia para subsidiar o desenvolvimento dos encontros musicais, sob a influência do pensamento complexo. A estratégia desenvolveu-se utilizando a música como parte integrante do cuidado de enfermagem, propiciando um lugar onde as transformações podem acontecer, pois a música é

InCantare: Rev. do Núcleo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares em Musicoterapia. Curitiba, v.3, p 42- 63, 2012.

uma ação que promove conhecimento (PIAZETTA, 2010). As diferenças residiram nas expectativas profissionais vinculadas à visão teórica e às finalidades da utilização da música no contexto da musicoterapia e da enfermagem.

Os Encontros Musicais buscaram: promover a redução da ansiedade; a troca de experiências sobre o adoecer e o tratamento de quimioterapia; e a formação de rede de apoio, através da integração grupal. Essas finalidades se vincularam ao cuidado expressivo e integrador, voltadas à humanização da assistência de enfermagem (BERGOLD, 2011). No desenvolvimento desta estratégia, a música foi utilizada como um recurso para o cuidado. A condução dos encontros foi fundamentada no *Processes Caritas*, da teórica de enfermagem Jean Watson (2008). Este princípio aponta a importância de se desenvolver um ambiente propício para o cuidado, uma relação de ajuda-confiança em que os participantes possam se expressar, construindo uma genuína experiência de ensinar e aprender.

A expressão musical ocorria a partir da escolha das músicas pelos sujeitos e do canto em conjunto com os mesmos. Essa escolha foi importante pela possibilidade dos participantes poderem se expressar e exercitar sua autonomia. Além disso, ao justificarem sua escolha musical, os sujeitos clarificavam a função da música para cada um, naquele momento. Tendo isto em conta, o recorte ora apresentado tem como objetivo analisar a função da música no desenvolvimento dos EM, a partir dos sentidos atribuídos pelos participantes.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Sendo um estudo transdisciplinar, buscou-se fundamentar a ação musical a partir de concepções teóricas de musicoterapia, e, neste recorte, promover subsídios para a análise da função da música no desenvolvimento dos encontros. O intento foi o de ampliar o conhecimento acerca da utilização da música em processos terapêuticos grupais.

As experiências musicais, como agentes de intervenção em musicoterapia, são experiências multifacetadas envolvendo pessoa, processo, produto e contexto. No desenvolvimento dos EM, utilizou-se a música através das seguintes experiências: *receptivas*, baseadas na audição musical com a finalidade de promover relaxamento e evocar experiências afetivas; e *re-criativas*, fundamentadas no canto como forma de promover empatia com os outros, comunicação de ideias/sentimentos, e melhorar as habilidades interativas e de grupo (BRUSCIA, 2000).

InCantare: Rev. do Núcleo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares em Musicoterapia. Curitiba, v.3, p 42- 63, 2012.

Ruud (1998) afirma que a música pode ter um importante papel ao realçar eventos de nossa vida, por estar sempre presente no nosso cotidiano; quando estimula nossa memória, nos traz à consciência sentimentos relacionados a essas experiências vividas, o que a torna um elemento de grande mobilização emocional. As memórias vinculadas a essas experiências musicais formam a identidade musical, articulada à sua história pessoal e à sua cultura, e está vinculada a espaços de identificação, conforme a classificação exposta no Quadro nº 1.

Quadro nº 1: Análise da música em relação aos espaços de identificação dos sujeitos (RUUD, 1998)

CATEGORIA	ABRANGÊNCIA
Espaço pessoal	Consciência emocional e corporal; Espaço privado; Crenças básicas
Espaço social	Grupo de pertencimento (gênero, valores); Comunidade
Espaço tempo/lugar	Rituais diários; Celebrações; Fases da vida; Nacionalidade
Transpessoal	Experiências religiosas; Rituais de transição; Natureza; Sentido de 'ser maior'

Neste estudo, estas categorias foram utilizadas como instrumentos para analisar a relação da música com a história do sujeito e suas vivências familiares, destacando a influência da música no processo terapêutico pessoal/familiar. Utilizou-se, também, o modelo teórico de Ruud e Bonde (2008)¹⁵, para analisar as experiências musicais sintetizadas no Quadro 2, visando estabelecer a função da música para os participantes no desenvolvimento dos EM.

Quadro nº 2: Níveis de experiências musicais como categorias analíticas (RUUD e BONDE, 2008)

¹⁵ Quadro apresentado durante o curso “Analisando a Música em Musicoterapia – Improvisações e composições: uma visão de métodos quantitativos e qualitativos” ministrado por Lars de Bonde em setembro de 2008 no VIII Encontro Nacional de Pesquisa em Musicoterapia no Rio de Janeiro
InCantare: Rev. do Núcleo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares em Musicoterapia. Curitiba, v.3, p 42- 63, 2012.

NÍVEIS	MÚSICA	FOCO	EFEITO
Fisiológico #	Som #	Propriedades Físico-Acústicas #	Reações fisiológicas ao som #
Sintático	Estrutura #	Regras e princípios gerais #	Fenômeno estético: experiência de coerência e beleza
Semântico	Significado	Origem e tipos de significado	Fenômeno existencial e espiritual Experiência de humor, relevância, significado e sentido (*)
Pragmático	Interação	Fazer musical: processo e atividade	Fenômeno social e cultural: lúdico, ritual, comunidade

Os trechos assinalados com # não foram utilizados neste estudo, pois a finalidade não era analisar as propriedades físico-acústicas, ou, a estrutura da música. No entanto, permaneceu na análise o nível sintático, pois o efeito da música vinculado à estética foi citado durante as justificativas dos participantes acerca de suas escolhas musicais.

Optou-se também por não analisar as letras das músicas, mas sim, ressaltar o sentido que o próprio sujeito atribui a elas, relacionado aqui ao nível semântico. Barcellos (2009) afirma ser a música uma atividade geradora de sentidos. Ao diferenciar significado e sentido, considera o significado como estável, repetível e universal dentro de um sistema, diferenciando o sentido como um processo singular de construção que é reconstruído a cada situação. Nessa pesquisa, a concepção de sentido é adequada por destacar a possibilidade de processo, compatível com o desenvolvimento dos EM, sendo acrescentado o termo 'sentido' (*) ao quadro nº 2.

A utilização dessas duas categorias na análise das músicas escolhidas pelos participantes propiciou a percepção do envolvimento destas na história e vivências dos sujeitos, e a observação de suas funções no desenvolvimento dos EM.

As músicas escolhidas pelos sujeitos são canções populares veiculadas pela mídia que, devido à intensa divulgação, passaram a fazer parte do repertório cultural dessas pessoas, produzindo subjetividades e fazendo parte da memória individual e coletiva (MILLECO FILHO; InCantare: Rev. do Núcleo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares em Musicoterapia. Curitiba, v.3, p 42- 63, 2012.

BRANDÃO; MILLECCO, 2001). A importância da canção popular no Brasil se relaciona ao fato de expressar camadas ocultas da vida do povo, não servindo apenas como lazer para o esquecimento dos problemas cotidianos. Pelo entrecruzamento da música de origem popular com a poesia de cunho erudito e sua penetração em todas as camadas sociais, pode ser considerado um dos retratos mais bem acabados da identidade cultural brasileira (BURNETT, 2008).

Relacionar as canções com a identificação musical dos sujeitos pode ampliar o conhecimento sobre a inserção cultural dos mesmos e o uso da música em atividades terapêuticas coletivas. É importante destacar que somente foi possível fazer a análise do sentido das canções as quais os sujeitos apresentaram explicação pela sua escolha. Isto porque, nem todas as músicas tiveram algum sentido atribuído pelo participante: por não terem se conscientizado deste, por não ter aderência às suas experiências prévias, ou, ainda, porque no desenvolvimento dos EM, o discurso tomava outro rumo.

METODOLOGIA

Tendo em vista os aspectos subjetivos da pesquisa, a abordagem qualitativa mostrou-se mais adequada, pois permitiu a descrição, aprofundamento e avaliação dos fenômenos investigados. Para atingir o objetivo proposto, optou-se pela Pesquisa Convergente-Assistencial (PCA), por estar voltada para a resolução de problemas, realização de mudanças ou introdução de inovações nas práticas de saúde que podem levar a construções teóricas. A PCA, desenvolvida no âmbito da enfermagem, aproxima a pesquisa da assistência, mantendo o compromisso de beneficiar tanto o contexto assistencial quanto a pesquisa com as informações procedentes desse contexto (TRENTINI; PAIM, 2004).

Foram seguidas todas as etapas da PCA, tendo por cenário o Hospital-Dia de um hospital militar na cidade do Rio de Janeiro, por ser o local em que é realizada a quimioterapia. Os sujeitos foram clientes em tratamento e familiares acompanhantes que se mostraram interessados em participar dos encontros. O total de participantes foi 27, sendo 17 clientes e 10 familiares acompanhantes. A maioria dos sujeitos era do sexo feminino, na faixa etária de 53 a 79 anos. As relações de parentesco eram bem próximas: filhas, irmãs, esposas, e somente um marido como acompanhante. Alguns participaram apenas de um EM, mas a maioria participou de dois ou mais encontros, tendo um casal integrado cinco EM.

Foram utilizadas como técnicas para a produção de dados: entrevistas individuais com clientes e familiares; investigação do prontuário; discussão no grupo de convergência (os próprios EM) registrado em MP3; observações feitas por auxiliar de pesquisa durante os EM; e auto-observação por parte da enfermeira/musicoterapeuta/pesquisadora.

Foram realizados oito EM, que mantiveram os mesmos passos: apresentação dos participantes; escolha das músicas a serem cantadas, seguidas de justificativas dessas escolhas após o canto; narrativas e diálogos surgidas a partir das músicas ou dos discursos de outros participantes; e, ao final, avaliação pelos sujeitos.

A análise inicial foi desenvolvida em forma de quadros de categorização após a transcrição das gravações, acrescidas dos outros dados produzidos nas entrevistas, nas observações realizadas nos encontros e nos registros de auto-observação da enfermeira/pesquisadora. Em seguida, aplicou-se a análise de discurso francesa (ORLANDI, 2003).

Para a análise musical realizou-se o levantamento de todas as músicas cantadas, mas consideraram-se apenas as que tiveram alguma justificativa para a sua escolha. Após isso, foi formado um quadro de músicas escolhidas em que foram aplicados como recursos analíticos os quadros nº 1 e nº 2, descritos anteriormente.

Essa pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Enfermagem Anna Nery da Universidade Federal do Rio de Janeiro, com o protocolo de nº 068/09, sendo respeitados os aspectos éticos da pesquisa conforme o disposto na Resolução 196/96 do CNS/MS. Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Os sujeitos foram identificados por siglas e números: C para clientes e F para familiares, seguidos de M e F, indicando sexo masculino e feminino, respectivamente, tendo a seguir números que se referiam à ordem de inserção nos EM, sendo mantidos números iguais para sujeitos provenientes do mesmo núcleo familiar.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

É importante esclarecer que nem sempre é possível separar em categorias estanques as experiências musicais do sujeito durante o desenvolvimento de uma atividade musical, pois o contexto terapêutico grupal sempre abre novas possibilidades de expressão e interação. Da InCantare: Rev. do Núcleo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares em Musicoterapia. Curitiba, v.3, p 42- 63, 2012.

mesma forma, as categorias relacionadas aos espaços de identificação musical se tangenciam, uma vez que o sujeito é formado por diversos aspectos, que vão do pessoal ao social. Essa separação procurou organizar a descrição de forma a clarificar o processo terapêutico sem comprometer a complexidade da expressão musical dos sujeitos e de seu sentido para eles.

Função sintática e o fenômeno estético: prazer ligado ao gosto pessoal

A beleza relacionada à música deriva-se das relações intrínsecas criadas entre os próprios sons e das relações extrínsecas, relacionadas entre os sons e outras formas de experiência humana. Assim, a significação e a beleza podem ser encontradas na própria música ou no ato de criar ou experimentar a música (BRUSCIA, 2000).

Entre as músicas escolhidas, diversas se relacionavam ao fenômeno estético, vinculado ao gosto musical do participante, como ocorreu com CF2, que escolheu “Marambaia” (interpretada recentemente por Maria Bethânia) e justificou dizendo: *“Porque é bonita e suave”*. Observa-se que ela se referiu às características da música em si, e não à relação dela com suas vivências ou história de vida.

O casal CM9 e FF9 também escolheu músicas específicas que eram do seu agrado: “As rosas não falam” (Cartola) e “Café da manhã” (Roberto Carlos), não vinculando suas escolhas a outro motivo que não fosse o ‘gostar’. Durante os encontros, ficou evidenciado que cantar músicas relacionadas ao gosto musical resultava em grande prazer, alterando positivamente as expectativas dos participantes que esperavam encontrar sofrimento no ambiente da quimioterapia.

Em outras ocasiões, o que se ressaltava na escolha era o estilo musical como ocorreu com a música “Verdade” (Nelson Rufino e Carlinhos Santana). Essa música se originou da preferência de CM6 por pagode, como havia declarado durante a entrevista inicial. Quando justificou sua escolha, ele falou: *“Porque eu gosto de pagode... de ouvir pagode; embora eu não frequente ou participe, eu gosto de ouvir”*.

A importância da escolha musical vinculada à estética, ou nesse caso ao estilo musical, em atividades musicais com finalidades terapêuticas, pode ser percebida mais claramente em um episódio ocorrido com CM6. No último encontro ele não se sentia bem e estava pouco participante e quando lhe perguntamos se queria escolher música ele disse, desanimado, que

estava sem inspiração. Mas quando outro participante, ao conhecer seu gosto musical, sugeriu “Foi um rio que passou em minha vida” (Paulinho da Viola), ele concordou com a escolha, cantando essa música e a próxima, demonstrando desejo de participar mais. Ou seja, o acolhimento do outro participante, demonstrado pela escolha de uma música do seu gosto, fez diferença para CM6, estimulando-o à participação.

O prazer que integrantes de atividades musicais sentem ao cantar músicas que fazem parte do seu repertório, relacionadas ao seu estilo musical também foi evidenciado durante visitas musicais a pacientes hospitalizados (BERGOLD, 2009). Jourdain (1998) afirma que a satisfação pela audição musical só surge à medida que a música corresponda ao universo sonoro e/ou padrões estéticos do ouvinte.

Os níveis das experiências musicais não ocorrem isoladamente, mas podem coexistir, como aconteceu com a música “Lembra de mim” (Ivan Lins), escolhida por CF4, que ao justificar sua escolha falou:

“Ah...Primeiro eu gosto muito do Ivan Lins! Acho ele assim... E... Porque depende do estado de espírito, às vezes você está assim menos forte! Ou então você está sozinha fazendo as coisas assim... E aí você ouve uma música assim, ela te reconforta, ela te busca alguma coisa no seu interior, né?[...]”.

O discurso polissêmico de CF4 aponta para as influências que esta escolha musical exerceu sobre esta cliente: prazer vinculado a uma canção de sua preferência, associada à estética e fenômeno existencial vinculado à experiência de humor e significado, relacionado ao nível semântico.

Função semântica: relação entre o sentido das músicas e a identificação musical

Na análise das músicas escolhidas, observou-se que 24 participantes, ou seja, a maioria, escolheu músicas relacionadas ao nível semântico e aos espaços de identificação musical, que abrange fenômenos existenciais e religiosos, além de experiências de humor, relevância e significado. Essa estreita relação demonstra a importância dos espaços pessoal, social, tempo/lugar e transpessoal para o processo terapêutico individual, visto que se referem às vivências pessoais, tendo um significado particular para os sujeitos.

a) Espaço pessoal

O exemplo anterior de CF4 aponta a relação entre o espaço pessoal e o nível semântico, pois esta vinculou a sua escolha musical ao seu estado de espírito, já que a música facilita a introspecção, e nem sempre ela está disposta a uma experiência reflexiva, como se pode observar na continuação de seu discurso:

“[...] E eu gosto de músicas assim também. Como também há dias que eu não posso nem ouvir aquilo! Prefiro uma música mais alegre, mais descontraída, que é para não ter tempo de pensar. A música busca o pensamento, às vezes não é bom. Mas de resto... gosto do Ivan Lins também como eu gosto do Zeca Pagodinho!”

Pode-se perceber, a partir de seu discurso, que a experiência de humor e significado, vinculada ao nível semântico no EM, relaciona-se com o espaço pessoal, que abrange a consciência emocional e crenças básicas, como a de que a música influencia o estado de espírito. Seu discurso também aponta que ela utiliza a música no seu cotidiano como linha de fuga face à situação de adoecimento:

“É porque aí não dá tempo de você pensar... pensar em coisas que você busca no seu interior e tem momentos que não é legal. Há dias que não é legal você buscar no seu interior. Mas aí você vai e lembra do Zeca Pagodinho e Beth Carvalho e vai por essa linha que você vai ficar melhor... naquele dia, naturalmente! No resto, a vida é assim mesmo, né, de altos e baixos.” (CF4)

O discurso metafórico produzido por CF4 reitera sua crença pessoal nos benefícios que a música traz em sua experiência cotidiana, quando ela escolhe a música de acordo com o seu estado de humor no momento. Ela procura reviver essa experiência no próprio EM, ao buscar uma música do Ivan Lins que a conforta e que lhe traz algo do seu interior, sua consciência emocional. Segundo Ruud (1998), a música em si também faz parte do nosso repertório das formas de responder ao mundo, pois desde a infância aprendemos como selecionar música capaz de equilibrar nosso humor e emoção.

A influência da música no humor também pode ser observada em CM5, que inicialmente não estava disposto a escolher música, dizendo: *“É, hoje não, hoje eu estou por baixo...”* Quando questionado, ele disse não saber o motivo. Os outros participantes tentaram animá-lo com palavras e sugestões de músicas, mas ele demonstrou pouco interesse. Mas ao

ser perguntado que tipo de música poderia deixá-lo mais animado, ele respondeu: *“Um bolero”*. Ao ser iniciada a música *“Besame mucho”* (Consuelo Velazquez/Danny Aiello), ele falou com prazer: *“Besame...”*. E ao término da música disse animado: *“Já estou pra cima!”*.

Dessa forma, ao se permitir escolher músicas relacionadas à sua consciência emocional, e até cantar junto, CM5 participou de uma experiência musical ligada à função semântica que alterou positivamente seu humor, o que o fez sentir-se melhor segundo sua avaliação posterior: *“[...] Agora... as músicas aqui me elevaram muito. Eu estava num baixo astral e melhorei! [...]”*.

A participação em atividades musicais terapêuticas pode promover a alteração do humor de clientes hospitalizados ou em tratamento de quimioterapia, contribuindo com a redução de sentimentos como medo, raiva e tristeza, não só pela audição de músicas que lhes proporcionaram prazer, mas por estas promoverem a expressão desses sentimentos (BERGOLD, 2009).

Outra música, *“Deixa a vida me levar”* (cantada por Zeca Pagodinho), escolhida por CF1, relacionou-se ao fenômeno existencial. Ao justificar sua escolha, ela produziu um discurso metafórico: *“Eu acho que tem a ver com a pessoa deixar a vida levar, porque ela faz tantos planos e de repente dá tudo ao contrário[...]”*. Ressalta-se que ela apresentou dores abdominais durante o encontro, além de estar consciente da gravidade do seu câncer, que já apresentava metástases.

Esse episódio se relaciona ao que Millecco Filho, Brandão e Millecco (2001) referem sobre o fato de que as canções que lembramos não têm necessariamente correspondência com o gosto musical. Assim, apesar de CF1 haver relatado em entrevista o hábito de escutar música clássica em casa, aqui, sua escolha se deu devido à mencionada música permitir a produção de sentidos relacionados à vivência do câncer. Assim, seu desabafo carregado de emoção, estimulado pela música, também se vincula ao espaço pessoal, relacionado tanto à consciência emocional quanto corporal.

Para Ruud (1998) existe uma conexão entre os sentimentos e o sentido do Eu, pois os sentimentos informam à própria pessoa como esta se sente no mundo e como o corpo se adapta a esta situação, fazendo parte da autoconsciência. Neste enfoque, a música, ao despertar as emoções relacionadas a lembranças do vivido pode estimular a reflexão e levar à autoconsciência, como ocorreu com CF1.

O canto pode facilitar a expressão de vivências inconscientes no momento em que estas são clarificadas. A canção permite então o emergir de conteúdos bloqueados (MILLECCO FILHO; BRANDÃO; MILLECCO, 2001). Esse processo ocorreu com CF7, quando escolheu “O que é o que é” (Gonzaguinha), referindo-se a ela de início como uma música para celebrações, o que a vincularia ao espaço tempo/lugar: “*Está em casamento, em formatura, está em todas!*”. Posteriormente ela retomou: [...] “*Eu acho que essa música é um hino*”.

Contudo, quando questionada sobre o motivo pelo qual a considerava um hino ressaltou:

“No sentido de vida, mesmo! E... Ou melhor, é bonita, é bonita, é bonita! Eu acho que morrer é inevitável, não adianta! Deus não me prometeu vida eterna e nem me deu plano de saúde... senão estava ‘avoando’ por aí, mas estou muito feliz onde estou! (fala de forma enfática). Mas em nenhum momento... eu chorei por ter minha doença. Isso faz parte da minha vida... E...eu quero ser anja, né? O negócio é não envelhecer”.

A música possibilitou a expressão verbal de CF7 de forma intensa e seu discurso polissêmico e metafórico permitiu relacionar a música escolhida ao espaço pessoal, uma vez vinculada à sua consciência emocional e corporal, e crenças básicas acerca da morte, assunto que não havia abordado até o momento.

Algumas escolhas vinculadas ao espaço pessoal se referiam a relacionamentos com os pais, tendo em comum a demonstração de afeto durante o canto e nos comentários posteriores, evidenciando relação entre esses sentimentos e as memórias musicais ligadas a eles. Para Ruud (1998), a canção sempre cria uma forte memória sobre a pessoa por trás dela, resgatando-a como símbolo de verdade e fé na vida. Em situações que provocam ansiedade, estas canções podem surgir para ajudar a pessoa a lidar com as dificuldades, como ocorreu com os participantes, vivenciando o contexto da quimioterapia.

b) Espaço transpessoal

Ao continuar com suas explicações sobre a escolha da música “Deixa a vida me levar”, CF1 se referiu às suas crenças, influenciadas por sua experiência religiosa, o que também insere sua escolha na categoria transpessoal:

[...] “Então, acho que Deus é que sabe o que a pessoa vai ter que passar. Porque ela tá bem, com saúde, e de repente aparece um câncer... Por quê?”

Tem que passar por aquilo, né? Ela é que tem que passar por aquilo... então, pedir a Deus para sair daquilo, daquela situação, daquele problema de saúde, melhorar e... pedir a Deus que ajude a viver um pouco mais”[...].

Na sequência, no tempo em que demonstra atitude conformista e de resignação diante da doença, retoma, em seguida, uma postura de enfrentamento a ela, deixando clara a ambivalência na relação que estabelece com a mesma: [...] *“A não ser que já chegue mesmo a hora da pessoa, aí a gente tem que se conformar, né? Tem sempre que lutar para viver, lutar até o fim! Enquanto tiver força, tem que lutar”*. Todo o seu discurso, muito rico pelo conteúdo emocional, foi estimulado por sua escolha musical que promoveu reflexões sobre o adoecimento e a esperança na sua crença religiosa.

Outra situação ligada ao espaço transpessoal ocorreu com FF1, filha de CF1, que escolheu um mantra identificado por ela como uma forma musical *“que faz bem”*. Ela iniciou o mantra baixinho, e à medida que foi repetindo o tema musical, o acompanhamento com o violão foi sendo inserido paulatinamente e outros participantes se juntaram ao canto, criando uma conexão especial.

Quando justificou sua escolha, FF1 se referiu à função que a música tem em sua vida:

[...] “Em vários momentos eu uso, eles como [...] E quando eu preciso me transformar e aí eu já pretendo o manto de Shiva, porque eu sou da Yoga também e é para transformar e fico cantando, eu vou usando. Acho que tudo que tivermos de recursos naturais que ajudam a gente, é bom usar. Quando a gente não tem mais os naturais, a gente pede auxílio, como você está fazendo aqui. Acho bem legal! São recursos para auxiliar no momento... E aí é isso, quando não dá para usar os naturais, usa esse negócio aí”.

Nesse momento, FF1 apontou para os frascos de soro com os medicamentos quimioterápicos, e riu, sendo acompanhada pelos outros participantes.

O discurso de FF1 revela sua formação profissional, pois foi apresentada no início do encontro pela mãe, CF1, como terapeuta adepta às práticas naturais. Nesse contexto, seu discurso polissêmico indica que o uso que faz do mantra tanto é para benefício pessoal, baseado em sua crença, quanto profissional, pois considera a música como um recurso natural que pode ajudar em situações como a que está vivenciando no momento.

Outros participantes escolheram músicas relacionadas a experiências religiosas, como CF10, católica fervorosa, que cantou com entusiasmo “Cantemos cânticos de alegria”, uma música gospel que aprendeu com uma amiga evangélica e que chegou a lhe provocar uma reação física, pois apontou o peito quando falou: _ [...] *“Aí eu senti uma coisa por aqui... Enquanto ela não me ensinou este... este louvor!”*

O relato de CF10 confirma que a música escolhida está no nível semântico, uma vez que teve a função de reviver um fenômeno espiritual relevante, vivenciado anteriormente. Sua vinculação ao espaço transpessoal está relacionado ao que Ruud (1998) descreve como uma experiência musical que promove um sentimento indefinido e indescritível, que se aproxima do sentimento de pertencer a uma realidade maior, além do mundo cotidiano.

Esse sentido transcendente que a música promove ocorreu também com CF17, que escolheu “Jesus Cristo” (Roberto Carlos), e cantou junto com os outros participantes. Quando inquirida se ao escolher essa música estava pensando em alguma coisa, ela respondeu simplesmente: _ *“Ele está aqui”*. É importante destacarmos que CF17 estava participando pela primeira vez da quimioterapia e do EM. Ela estava com dificuldade para falar devido à sua condição clínica, além de estar com muito medo de sentir dor, demonstrando grande tensão, percebida pelos participantes do EM. Por isso, todos ficaram mobilizados quando ela expressou sua vivência religiosa no momento do encontro, estimulada pela música escolhida. Seu comentário indicou que esta música também se inseria no espaço transpessoal.

Para a assistência integral ao paciente, é imprescindível vê-lo como um todo indivisível, e no contexto do cuidado a portadores de doenças crônicas, é importante considerar sua dimensão espiritual, ou ainda, reforçar atitudes religiosas/espirituais que poderão servir de suporte ao enfrentamento (VIDIZ et al, 2010).

CF14 evidenciou relação entre o espaço transpessoal e pessoal, a partir da justificativa acerca da sua escolha musical, “Minha benção” (cantada pelo Padre Marcelo). Ao término da música, ela falou:

“Eu gosto porque às vezes eu fico à noite sem dormir e fico ouvindo ela, e isso dá uma paz de espírito e isso ajuda a passar as noites em claro. Porque as noites que passo em claro é duro, né? E a gente vai ouvindo e vai ajudando a acalmar.” Ela continua em seguida: _ *“Ajuda, ajuda muito... porque a gente ter que passar a noite em claro sozinha é horrível!”*

Ela continua, rindo: *“Pega um acompanhante, faz uma festa”*. Nesse trecho, CM14 aponta para a utilização mais ampla da música religiosa em sua vivência cotidiana. Não é somente uma expressão da fé religiosa, mas uma companhia que a ajuda nos momentos de insônia. Seu discurso aponta para um fenômeno crescente da inserção da música religiosa no cotidiano. A grande divulgação das músicas religiosas pela mídia, cada vez mais as inserem no dia a dia das pessoas, modificando toda a antiga concepção de sagrado que posicionava as músicas religiosas num lugar específico, qual seja, nas liturgias das igrejas.

c) Espaço social e espaço tempo/lugar

Poucas músicas se inseriram no espaço social, como a escolhida por FF9, “A praça”, relacionada por sua explicação de que a escolheu por ter feito muito sucesso na época em que foi lançada. Esta música teve repercussão em outros participantes, que além de cantarem, conversaram animadamente sobre a época e o cantor, Ronnie Von.

O envolvimento dos participantes com esta música se relaciona ao que Ruud (1998) descreve como o sentimento de fazer parte de um grupo social e cultural em um específico tempo histórico, situado em um lugar particular. Algumas músicas, de muito sucesso em determinada época, propiciam prazer quando cantadas em grupo, tanto por reviver bons momentos quanto por promover o sentimento de pertencer a um grupo social.

Destaca-se ainda o aspecto da idade, já que algumas vivências são compatíveis com a idade cronológica da pessoa, pois a vincula a uma determinada época. As canções que registram a época da juventude trazem consigo os sentimentos intensos dessa época, relacionados às paixões e idealismo, que quando lembradas, passam a trazer recordações dessa fase da vida. Essas canções possibilitam resgatar um pouco da potência e intensidade dessa época, que geralmente se contrapõem ao desânimo e desvalorização social da velhice (MILLECO FILHO, BRANDÃO, MILLECCO, 2001). No contexto da quimioterapia, canções como essa podem contribuir para melhorar o humor rebaixado, comum à situação de adoecimento pelo câncer.

CF4 escolheu outra música que se insere no espaço social, “Saigon” (Paulo César Feital), e justificou sua escolha dizendo:

“Porque é linda, e todas as vezes que se vai a um ambiente assim... ‘Saigon’ sempre é cantada. Nos bailes, essas coisas boas da juventude, quem viveu nessa época... ‘Saigon’ com certeza se ouvia e se dançava, se curtia muito”.

Seu discurso polissêmico aponta inicialmente questões estéticas, mas como vincula a música a uma determinada época, ligada à sua vivência na juventude, poderia estar relacionada ao tempo/espaço. Contudo, seu comentário posterior a situa no espaço social, como se depreende de sua fala: *“Ah, faz lembrar do tempo bom, esse tempo que todas nós temos guardado... e por aí vai”*. Ao assim se referir, ela relacionou sua escolha musical a um aspecto social, de pertencimento a um determinado grupo.

Para Ruud (1998), o aspecto geográfico também influencia a formação da identidade musical, por estar diretamente conectada ao lugar de onde viemos, assim como o tempo em que vivemos. Quando escutamos música, ela sempre estará conectada a um determinado tempo e espaço vinculado a uma experiência musical, como ocorreu com FF10, que solicitou um forró, e depois que foi cantado *“Xote das Meninas”* (Luiz Gonzaga), referiu gostar deste estilo musical porque morou um tempo na Paraíba e, devido à influência dessa região, relatou frequentar a Feira de São Cristóvão¹⁶.

Uma situação interessante ocorreu com CF14, que participou quatro vezes e escolheu em três ocasiões a mesma música, *“Canteiros”* (Fagner). Em cada uma delas, a música teve um sentido diferente, demonstrando seu caráter polissêmico. Uma escolha se deu por gosto pessoal, mas as outras duas se referiram à família. Na primeira, para falar de sua saudade, visto que grande parte da família permaneceu no Nordeste do país; na segunda, motivada pela situação de adoecimento de sua mãe há algum tempo, quando precisou viajar às pressas para aquela região, e escutou essa música no avião, o que também a vincula ao espaço tempo/lugar.

É importante ressaltar que as músicas situadas nesse espaço, puderam trazer reflexões sobre situações difíceis superadas e boas lembranças de vivências, principalmente quando relacionadas à família, pois resgataram a sensação de segurança e pertencimento desenvolvidos na convivência familiar e social.

¹⁶ Espaço popular no Rio de Janeiro reservado a comidas típicas, além da promoção de danças, cantos e produtos característicos da região nordeste, denominado Centro de Tradições Nordestinas Luiz Gonzaga, localizado no Bairro de São Cristóvão.

Função pragmática: música e interação familiar e grupal

Outra função da música que desempenhou um importante papel no processo terapêutico desenvolvido no/com o grupo é relacionada ao nível pragmático, pois a escolha da música e o canto em conjunto são atividades que podem ser realizadas com o outro, ou seja, ocorrem em interação. Esse processo de interação através da música ocorreu com a totalidade dos sujeitos participantes dos EM.

No processo de análise, ficou evidenciado que uma das maneiras de interagir ocorreu através das escolhas musicais dirigidas aos familiares pelos sujeitos acompanhantes. FF6 sugeriu “Verdade” (Zeca Pagodinho) para o seu marido, por ser o seu estilo preferido. FM7 solicitou “Meus tempos de criança” (Ataulfo Alves), externando o desejo de sua esposa, que possivelmente se sentia inibida no início da sua participação nos encontros.

Outra forma de interagir ocorreu com FF4 que escolheu “Começar de Novo” (Ivan Lins), como uma mensagem de enfrentamento para sua irmã e possivelmente para os outros, como se depreende de sua justificativa: *“Bem, eu acho que tudo o que você passa assim, é aquela história, levanta e dá a volta por cima e vai em frente, né, eu acho que...”*.

O nível pragmático revela uma qualidade importante da música, quando utilizada em atividades terapêuticas: ela possibilita o fazer, ou seja, além de se expressar verbalmente, como é o esperado na maioria das atividades grupais, o participante tem a possibilidade de agir musicalmente para demonstrar seu afeto e cuidado. O afeto familiar também foi expresso por CM8 e sua filha FM8, que escolheram juntas a música “Azul da Cor do Mar” (Tim Maia) em homenagem ao marido/pai, que dessa forma foi inserido simbolicamente no EM.

CF3 também fez uma escolha musical que mobilizou positivamente sua família presente. Ela trouxe um CD com a música “Pegadas na areia” (Padre Zezinho), cantou-a junto com as filhas e a irmã e ressaltou, em seguida, que essa música fazia parte da história da família, relatando alguns episódios relacionados às experiências religiosas e à fé. A possibilidade de expressar-se musicalmente com uma música tão significativa, e de poder compartilhar com todos os participantes do grupo suas experiências religiosas familiares fez diferença para ela, e resultou em participação mais ativa neste encontro do que em outros anteriores.

Alguns sujeitos mostraram acolhimento e cuidado com os outros participantes por meio de escolhas musicais, o que as insere também no nível pragmático, pois estavam voltadas para InCantare: Rev. do Núcleo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares em Musicoterapia. Curitiba, v.3, p 42- 63, 2012.

a interação grupal. Destas escolhas, realizadas tanto por pacientes como familiares, a maioria ocorreu para ajudar outro integrante que desejava escutar música de algum cantor de sua preferência, mas não conseguia lembrar naquele momento.

Na questão da interação grupal, o respeito aos outros também pôde ser demonstrado por meio da escolha musical, como ocorreu com CF10, que teve o ímpeto de escolher uma música gospel, mas se refreou dizendo: _ *“Eu pensei aqui em uma... mas é uma música que eu aprendi com uma amiga de trabalho, e ela é evangélica. Então eu gostei muito de um hino evangélico. Mas não posso cantar!* (falou pronunciando bem as palavras, de forma intensa). *Eu vou fazer companhia para a minha amiga”*, direcionando o olhar para CF3, que no início do encontro chorou ao escutar uma música gospel. Todavia, CF3 disse a CF10 que ela poderia cantar, também em atenção e respeito ao desejo do outro. Tal evento revela a atitude solidária de ambas, qualidade indispensável em estratégias terapêuticas grupais.

A solidariedade através da música também foi manifestada por CM12, ao escolher uma música de Roberto Carlos para outra integrante que manifestara o desejo de ouvir uma canção do cantor. Posteriormente, revelou não gostar das músicas dele, demonstrando a generosidade do seu gesto. O mesmo se pode dizer de CF14, que se propôs a trazer CD com canções do ‘Padre Marcelo’, ao perceber o interesse de outras participantes.

A música, ao expressar uma atitude interativa, como acolher ou proporcionar conforto a outro participante, remete à afirmação de Ruud (1998) de que a ligação pessoal com a música promove o desenvolvimento de competências sociais básicas ou recursos comunicativos que podem ser utilizados em ambientes terapêuticos. Dessa forma, a utilização da música em uma estratégia grupal no contexto da quimioterapia possibilita distração, expressão emocional, reflexão e alteração positiva do humor, contribuindo com o enfrentamento da situação de adoecimento e tratamento do câncer. A expressão pela canção pode dar voz ao que é difícil verbalizar, e a própria música oferece movimento e vida para que os pacientes continuem lutando (SILVA; CRAVEIRO DE SÁ, 2008).

Contudo, é importante destacar que a música também pode ser usada de forma pouco interativa, quando ao invés de contribuir com o processo terapêutico individual ou grupal, interfere negativamente neste processo. Isto ocorreu com os participantes que mais escolheram músicas por encontro, como FF4, FC7, FM7 e FF10. Embora, à primeira vista, a

quantidade de músicas escolhidas demonstrasse um interesse em participar, na realidade esse número denunciava uma grande ansiedade em cantar por cantar, visto que, parte de suas escolhas não foi vinculada a nenhuma função terapêutica. Isso se revelou como um dos limites dos EM, pois a ansiedade que estimula esse comportamento individual também colabora com a ansiedade do grupo, contribuindo pouco com o processo terapêutico grupal.

Pode-se relacionar esse fenômeno à apologia atual das múltiplas formas de comunicação, que faz com que estímulos sonoros acabem por se tornar formas de evitar o contato consigo e com o outro. Assim evita-se, também, o silêncio, já que ele se abre aos espaços subjetivos e polissêmicos, o que para alguns pode significar a inexistência ou morte. A necessidade de preencher o silêncio pela música pode também estar relacionada à própria dinâmica do grupo. Nas fases iniciais da formação grupal, o silêncio é quase sempre evitado por integrantes que não suportam conviver com o silêncio e procuram preencher o espaço vazio com diversos comportamentos, entre estes, a ansiedade por cantar ou solicitar que os outros cantem (CRAVEIRO DE SÁ, 2009).

Apesar desses comportamentos, foi possível verificar com maior presença o fato de que a música estimulou a expressão pessoal, familiar e grupal dos sujeitos promovendo conforto, expressão dos sentimentos, e distração entre os participantes dos EM. A interação grupal ocorreu em todos os encontros, embora tenha se evidenciado mais em uns que em outros, no que tange à demonstração efetiva de alguns participantes no sentido de estabelecerem um relacionamento positivo com os outros integrantes. Dessa forma, a participação dos sujeitos possibilitou o reconhecimento das emoções, percepção do significado de vivências, desenvolvimento da consciência e sensação de pertencimento, ampliando a qualidade de vida do cliente em tratamento de quimioterapia e de seus familiares (BERGOLD, 2011).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise musical dos Encontros Musicais permitiu que fossem observadas as diferentes funções terapêuticas da música no desenvolvimento desta estratégia grupal no contexto da quimioterapia. Concluiu-se que as múltiplas possibilidades terapêuticas da utilização da música evidenciaram a importância de serem consideradas novas estratégias de

cuidado, desenvolvidas no enfoque interdisciplinar, voltadas para os clientes e familiares nesse ambiente.

É importante destacar, como procedimento adotado nos EM, o questionamento sobre o motivo da escolha musical dos sujeitos. Esse procedimento promoveu momentos de reflexão entre os participantes, na busca de clarificar o significado das músicas eleitas em suas vidas ou, especificamente, nas vivências atuais dentro e fora do grupo, o que apontou sua relação com a identidade musical.

A importância da expressão da identidade musical no contexto dos EM foi revelada não apenas pela quantidade de músicas relacionadas aos espaços de identificação musical, mas pelos benefícios que elas trouxeram para o sujeito, e, também, para a totalidade do grupo, por promoverem o conhecimento mútuo e facilitarem a criação de uma rede de apoio entre os participantes.

REFERÊNCIAS

BARCELLOS, L.R.M. **A música como metáfora em musicoterapia**. 2009. 232 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Música do Centro de Letras e Artes, UNIRIO, Rio de Janeiro, 2009.

BERGOLD, L.B.; ALVIM, N.A.T. **A música terapêutica como uma tecnologia aplicada ao cuidado e ao ensino de enfermagem**. *Esc Anna Nery Rev Enferm* v.13, n. 3, p. 537-42, 2009.

_____, L.B. **A visita musical como estratégia terapêutica no contexto hospitalar e seus nexos com a enfermagem fundamental**. 2005. 162 f. Dissertação (Mestrado) – Escola de Enfermagem Anna Nery, UFRJ, Rio de Janeiro, 2005.

_____, L.B.; ALVIM, N.A.T. **Influência dos Encontros Musicais no processo terapêutico de sistemas familiares na quimioterapia**. *Texto Contexto Enfermagem*. v. 20, n. especial, p. 108-16, 2011.

InCantare: Rev. do Núcleo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares em Musicoterapia. Curitiba, v.3, p 42- 63, 2012.

BERVIAN, P.I.; GIRARDON-PERLINI, N.M. **A família (con)vivendo com a mulher/mãe após a mastectomia**. Revista Brasileira de Cancerologia. v. 52, n.2, p.121-8, 2006.

BRUSCIA, K. **Definindo Musicoterapia**. Rio de Janeiro. Enelivros, 2000. 312p.

BURNETT, H. **Notas sobre Nietzsche e a música popular do Brasil**. In: LINS, D.; GIL, J. *Nietzsche/Deleuze: jogo e música*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

CRAVEIRO DE SÁ, L. **Formas de silêncio em musicoterapia: sentidos e significados**. In: *Anais do XIII Simpósio Brasileiro de Musicoterapia / XI Fórum Paranaense de Musicoterapia / IX Encontro Nacional de Pesquisa em Musicoterapia*. Curitiba. Griffin, 2009.

MILLECO FILHO, L.; BRANDÃO, M.; MILLECO, R. **É preciso cantar – Musicoterapia, Canto e canções**. Rio de Janeiro: Enelivros, 2001. 120 p.

MORIN, E. **Ciência com consciência**. 3ª ed. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 1999. 350 p.

ORLANDI, E.P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 4ª ed. Campinas. Pontes, 2003. 100 p.

PIAZETTA, C.M.F. **Música em musicoterapia: estudos e reflexões na construção do corpo teórico da Musicoterapia**. Revista do Núcleo de Pesquisas Interdisciplinares em Musicoterapia. v. 1, p. 38-69, 2010.

RUUD, E. **Music Therapy: Improvisation, Communication and Culture**. Barcelona. Publisher, 1998. 204p.

SILVA, F.O.; CRAVEIRO DE SÁ, L. **Musicoterapia e o desenvolvimento de estratégias de enfrentamento ao estresse de adolescentes portadores de câncer**. (CD-ROM) Anais do VIII Encontro Nacional de Pesquisa em Musicoterapia. 2008.

InCantare: Rev. do Núcleo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares em Musicoterapia. Curitiba, v.3, p 42- 63, 2012.

SOUZA, M.G.G.; ESPÍRITO SANTO, F.H. **O olhar que olha o outro... um estudo com familiares de pessoas em quimioterapia antineoplásica.** Rev. Bras. de Cancerologia. v. 54, n.1, p.31-41, 2008.

TRENTINI, M.; PAIM, L. **Pesquisa Convergente Assistencial:** um desenho que une o fazer e o pensar na prática assistencial em Saúde-Enfermagem. 2ª ed. Florianópolis. Insular, 2004. 141 p.

VIDIZ, T.F. et al. **A musicoterapia e o uso das canções religiosas no tratamento de pacientes com insuficiência renal crônica sob hemodiálise.** Rev. Bras. de Musicoterapia. Ano XII, n. 10, 2010. Disponível em: <http://www.musicoterapia.mus.br/revistabrasileirade.Musicoterapia>. Acesso em: 18 de março de 2012

Recebido em: 19/05/2012

Aprovado em: 19/08/2012